

AUTORREEDUCAÇÃO CONSCIENCIAL: ELEMENTO-CHAVE PARA QUALIFICAÇÃO DA PRÁXIS PARAPEDAGÓGICA

Consciential Self-reeducation: key-Element for Parapedagogical Praxis Qualification

Glaucia Medrado

RESUMO. O objetivo do presente artigo é ampliar a discussão acerca da relevância da autorreeducação consciencial na práxis parapedagógica e, com isso proporcionar reflexão. Para tanto, considera uma estrutura básica, subdividida em dois aspectos principais, a saber: I. Reflexões sobre o Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica e, II. Autorreeducação Consciencial e Práxis Parapedagógica. Para o aprofundamento da abordagem, a autora ressalta uma questão desencadeadora: de que modo a reeducação consciencial está atrelada à práxis parapedagógica? Os procedimentos metodológicos adotados para desenvolvimento do trabalho pautaram-se na revisão bibliográfica, nos autoexperimentos e observações de aulas realizadas pela autora. Os resultados da investigação apontam para a relevância e premência da *teática*, ao mesmo tempo em que reforça a valorização da vivência de cada docente, com vistas à gradação das vivências pessoais em diferentes momentos evolutivos e, nem por isso, desmerecem a assistência que pode ser promovida.

Palavras-chave: autorreeducação, docência, práxis parapedagógica.

ABSTRACT. The aim of this article is to broaden the discussion about the relevance of consciousness self-education in parapedagogical praxis and thus provide reflection. Therefore, consider a basic structure, divided into two main aspects, namely: I. Reflections on the Qualification Cycle Praxis Parapedagogical and II. Self-reflection consciential and Parapedagogical Praxis. To deepen the approach, the author emphasizes a triggering question: how the reeducation consciousness is linked to Parapedagogical praxis? The methodological procedures adopted for the development of work was guided in the literature review, the self-research observations and lessons conducted by the author. The research results point to the importance and urgency of theorice, while reinforcing the value of the experience of each teacher with a view to gradation of personal experiences in different evolutionary moments and not so detract assistance that can be promoted.

Keywords: self-education, teaching, parapedagogical praxis.

INTRODUÇÃO

Aprendizado. O exercício da docência é uma ação intencional, prática e ativa que proporciona aprendizado a professores e alunos. Quem leciona, aprende duas vezes.

Singularidades. Concernente à docência conscienciológica, a aprendizagem cria contornos mais profundos e singulares pois, promove um diálogo mais abrangente ao considerar variáveis intra e extrafísicas.

Consciência. Professores e alunos são consciências em evolução e, sob essa perspectiva, a interação se dilata para conscins e consciexes.

Omnipresença. As dimensões intrafísica e extrafísica estão imbricadas, no entanto, a docência conscienciológica admite a multidimensionalidade porque está embasada no Paradigma Consciencial.

Parapedagogia. No âmbito da Parapedagogia, especialidade da Conscienciologia voltada à pesquisa, formação, interação e vivência da *tares* através da prática docente, a interação professor-aluno se amplia tornando ambas as consciências *semperaprendentes*.

Papel. A ação educativa estimulada pelo papel docente é ampliada quando se considera a relação entre consciências em constante aperfeiçoamento e qualificação, pois, o(a) professor(a) deixa de ser o detentor máximo do conhecimento, contribuindo assim, em sua mediação.

Mediação. Fato que na *socin* ou sociedade intrafísica, há inúmeras discussões sobre professores deixarem o posto de detentores máximos de conhecimento ou mesmo infalíveis para assumirem uma posição de mediação, mais promissora e catalisadora do processo ensino-aprendizagem. Entretanto há ainda a predominância de uma formação educacional conservadora e tradicional.

Produtividade. A mediação evidenciada pelo protagonismo discente não é improviso, trata-se de ato intencional, estimulado pelos docentes, em primeiro momento, favorecendo construção conjunta do conhecimento e, sob esta perspectiva exige mudança de paradigma de professores e os convida a terem maior produtividade por estimular a expansão intelectual e a autonomia de alunos favorecendo a reeducação consciencial.

Reeducação. Sob esta perspectiva a reeducação consciencial assume destaque significativo na tarefa de esclarecimento ou *tares*, proposital e técnica, sendo parte integrante da docência conscienciológica.

Objetivo. O objetivo principal deste artigo é ampliar a discussão acerca da relevância da autorreducação consciencial na práxis parapedagógica e, com isso, proporcionar reflexão. A reeducação é uma via de mão dupla. Todos aprendem.

Gratidão. A motivação para elaboração deste artigo deve-se à gratidão desta autora a todas as experiências vivenciadas na docência Conscienciológica no período compreendido entre 2006 a 2014 e atuação como professora orientadora (2009 a 2014) no IIPC – São Paulo, local onde dedicou-se ao voluntariado por nove anos, sua formação e atuação na docência Invexológica proporcionada pelo voluntariado na ASSINVÉXIS (2014-2015) e, suas observações enquanto parapedagoga em formação, no voluntariado atual na REAPRENDENTIA desde janeiro de 2016.

Questionamentos. Partindo desse breve panorama de vivências proporcionadas pelo exercício docente que serão mais adiante compartilhadas, questionamentos se fizeram presentes, sobretudo: De que modo a reeducação consciencial está atrelada à práxis parapedagógica?

Metodologia. Os procedimentos metodológicos adotados para realização desta investigação pautaram-se na revisão bibliográfica, nos autoexperimentos e observações de aulas realizadas pela autora na função de Professora Orientadora desde 2009.

Estrutura. O desenvolvimento desse tema está disposto em uma estrutura básica subdividida em duas seções, a saber:

- I. Reflexões sobre o Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica
- II. Autorreducação consciencial e a práxis parapedagógica

Conclusão. À guisa de conclusão são apresentadas as Considerações Finais buscando demonstrar a importância da *teática* na condução de uma prática docente assistencial e evolutiva.

I. Reflexões sobre o Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica

Especificidades. A docência conscienciológica possui especificidades que tornam seu exercício mais abrangente.

Compreensão. A Conscienciológica é neociência que estuda a consciência e suas manifestações multidimensionais, assim, a compreensão deste objeto de pesquisa complexo e singular guarda características únicas, não sendo possível enquadrar tais manifestações em um rol definido de conteúdos a serem dogmaticamente transmitidos como verdades absolutas.

Abrangência. Tanto a Ciência Fisicalista quanto a Conscienciológica guardam similitudes quanto ao desenvolvimento de suas investigações com rigor e fidedignidade, no entanto, há diferenças em sua abrangência:

A diferença essencial e basilar, portanto, entre a Ciência convencional e a Conscienciológica – além dos paradigmas ou teorias-líder – é que os cientistas são pessoas, as instituições científicas são instituições humanas e a ciência, portanto, é humana; a Conscienciológica e os conscienciólogos também; no entanto, a abrangência do universo de pesquisas da Conscienciológica abarca a holossomática e a multidimensionalidade (VIEIRA, 1994, p. 11).

Paradigma. As proposições que fundamentam o Paradigma Consciencial, teoria-líder da Conscienciológica complexifica a docência.

Variáveis. Sob o prisma da docência, a sofisticação exigida por este objeto de pesquisa cria um conjunto de variáveis passíveis de serem estudadas a partir da manifestação consciencial, por vezes, não raro desconhecidas até pelo próprio pesquisador.

Intencionalidade. O exercício docente é intencional e, dessa forma buscar a qualificação requer a observação de como essa docência se configura na prática.

Interassistência. A razão de ser da docência conscienciológica é o alcance da interassistencialidade. Diferente de variegadas práticas do magistério convencional, a vivência parapedagógica não está centrada unicamente na transmissão de conhecimento, mas no esclarecimento cuja tônica da ação intencional docente assume vistas às reciclagens e assistência.

Qualificação. Para aprimorar a docência conscienciológica e atingir seu objetivo, a interassistência, o entendimento do ciclo de qualificação da práxis parapedagógica é um instrumento de relevância.

O Ciclo é uma tentativa de construção do conhecimento estruturante da práxis parapedagógica, ou seja, um estudo paraepistemológico sobre a docência conscienciológica. A anatomização da práxis parapedagógica esclarece o professor e o ajuda a qualificar sua docência através do estudo autorreflexivo crítico e detalhista de cada etapa, fase ou momento da práxis permitindo-lhe tirar o máximo de proveito da oportunidade evolutiva de realizar a tarefa pontual, a *tares expositiva*. (ALVES, 2011, p. 18)

Etapas. O Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica é composto por cinco etapas:

1. Holoconteúdos. Importa ao docente desenvolver um corpo de conhecimento. Evidente que não se trata de tornar-se docente somente ao atingir um nível de erudição por vezes inatin-

gível e insuficiente já que o conhecimento é inesgotável. Mas, é relevante ao professor através do autodidatismo, dedicação a leituras variadas e organização ter o que ensinar.

2. Transposição Didática. Identificar a maneira mais apropriada de transmitir o conhecimento, ou seja, quais estratégias podem ser utilizadas para comunicar melhor a informação. Em geral, a docência convencional se estabelece e se fixa neste item.

3. Interação com o campo energético parapedagógico. Insere-se nesta etapa a interação com as energias, a parte prática do embasamento bioenergético, é a vivência da interação interconsciencial: assins e desassins, iscagens lúcidas ou inconscientes, a *teática* na leitura do campo energético parapedagógico.

4. Fazer parapedagógico. O fazer parapedagógico refere-se à conexão, ao *rapport* com os amparadores de função, às contribuições da equipe extrafísica ou *equipex*, na atuação docente.

5. Interassistencialidade. A reunião das experimentações ou fases anteriores, amarradas pelo (a) professor (a) de Conscienciologia resultando na interassistência.

Detalhamento. O detalhamento do Ciclo pode ser consultado pelo (a) leitor (a) interessado (a) na proposta de ALVES (2011, p.19) nas fontes citadas ao final deste artigo. É mister destacar que a observação acurada de cada fase e por consequência a autoexperimentação acompanhada de registros contribui para a construção de uma práxis diferenciada e interassistencial.

Flexibilidade. Um ponto importante é evidenciar que as etapas ou fases que compõem o Ciclo não são lineares, não ocorrem milimetricamente conforme didaticamente descritas. *Docência é abertismo.*

Práxis. A práxis parapedagógica é atividade demonstradora de que a docência conscienciológica não é teórica.

A práxis parapedagógica refere-se também à reflexão teática docente resultante do movimento contínuo das atividades didáticas, paradidáticas, pedagógicas e parapedagógicas realizadas pelo professor de Conscienciologia tendo por finalidade o exercício da tarefa do esclarecimento no contexto de uma aula de Conscienciologia (ALVES, 2011, p. 10).

Diferença. Isso torna o exercício docente complexo porque diferente da docência convencional não se encerra na acumulação e transmissão de conteúdos gerando uma transposição didática limitada.

Preocupações. Para explorar com maior clareza os conceitos relacionados ao Ciclo e também da Práxis Parapedagógica, seguem as 5 principais preocupações de professores iniciantes, seguidas de indicações profiláticas, descritas em ordem alfabética, observadas pela autora no acompanhamento e orientação dos processos formativos docentes:

1. Aulas. “*Não sei se sou capaz de transmitir os conteúdos ou mesmo de responder os questionamentos dos alunos.*” A preparação criteriosa e cuidadosa da aula ocorre antecipadamente. Caso os docentes iniciantes desejem pensar em suas aulas um dia antes do evento propriamente dito, a probabilidade da aula ser bem ministrada é baixa. A pré-aula é o momento de organização, elaboração, estudo, pesquisa e planejamento dos planos de aula e estratégia. Na prática, ao chegar em sala de aula, a última preocupação de docentes deveria ser com conteúdos porque estes são estudados em casa, na sala de aula o foco precisa ser na interassistência.

2. Conteúdos. “*Não estou pronto para ser professor, preciso adquirir mais conhecimento.*” Esse tipo de afirmação é bem comum. Professores são consciências em construção, não sabem

tudo porque ninguém sabe, porém é desejável através do autodidatismo o aprimoramento quanto ao conhecimento a fim de atingir maior polimatia. Os conteúdos são essenciais mas não definem uma aula de Conscienciologia se a assistência não puder ser promovida.

3. Energias. “*Não consigo perceber as energias, não sei como montar o campo.*” Cair o campo, levantar o campo, perder o campo. A manutenção diária do trabalho com as energias possibilita maior segurança quanto às parapercepções. As energias estão dispersas no ambiente, afinar as observações e exercitar a atenção favorece a percepção. O que mantém um campo energético consistente é o foco. Assim, aos docentes que permanecem inseguros quanto ao campo energético, convém avaliar:

- a. Trabalho com as energias diariamente?
- b. Percebo as energias de pessoas e ambientes?
- c. Percebo malestar ou bem-estar em variadas situações? O que desencadeia essas sensações?
- d. Chego com antecedência às aulas com objetivo de manter acalmia e trabalhar com as energias? *Parapsiquismo é investimento.*

4. Questionamentos. “*E se os alunos fizerem perguntas as quais não sei responder?*” Essa situação é uma excelente oportunidade. Aos docentes é relevante não esquecer que o processo de ensino-aprendizagem se amplia para ensino-aprendizagem-recuperação de cons. Porém, antes disso, o (a) professor (a) não saberá tudo, precisará necessariamente conhecer um pouco mais que o aluno senão qual a razão de se colocar como facilitador de algo que não precisa desse recurso? A profilaxia é investir nos estudos e ao mesmo tempo, tranquilizar-se com relação a esta situação. É mais transparente assumir que desconhece do que “inventar” teorias, apelar para argumentos de autoridade para encerrar o assunto. Os professores podem por exemplo, checar a informação e trazê-las em outra oportunidade ou caso isso não seja possível por tratar-se de um evento específico de ocorrência muito localizada, dizer claramente que não contemplou aquele assunto em sua aula, palestra ou qualquer outro evento. Docência é autoexposição, preocupação excessiva com autoimagem sobretudo ligada à condição de “mestre” só atrapalha.

5. Teática. No que tange à autexperimentação e à *teática* são comuns as seguintes preocupações:

- a) “*Não sou projetor (a) lúcido (a) como vou falar sobre o assunto?*”
- b) “*Não aplico a técnica da dupla evolutiva. Professor de Conscienciologia pode dar aula nesta condição?*”
- c) “*Nunca experimentei uma projeção de mentalsoma.*”
- d) “*Não sou tenepessista.*”

Labcon. O compartilhamento do *labcon* é útil para estimular, para atribuir autoridade moral sobre determinado assunto ou situação ou ainda pode indicar mudança de patamar possível e exequível, sendo assim, é compartilhado com critério. A experiência fenomenológica, aspecto que proporciona insegurança a tantos docentes é fator agregador e esclarecedor quando catalisam reciclagens intraconscenciais ou *recins* demonstrando coerência entre aquilo que a conscin fala e pratica (verbação). Cada conquista evolutiva tem um preço, tem esforço. É a lei do maior esforço aplicada à versão consciencial que desejamos atingir. Cada conquista evolutiva tem um preço, tem esforço. É a lei do maior esforço aplicada à versão consciencial que desejamos atingir. O grande problema não consiste em entrar em sala de aula sem tantas vivências. A pergunta é: *por quanto tempo a pessoa interessada vai continuar se perguntando ou dizendo que ainda não vivenciou?*

Autopesquisa. A práxis parapedagógica é fortalecida pela autopesquisa. Ao expor uma experiência pessoal, os docentes não de considerar a relevância desta exposição para o contexto, convergência com os assuntos tratados e público-alvo atendido.

Vivências. Na experiência desta autora, vivências bastante significativas ocorreram antes de tornar-se voluntária ou mesmo docente da Conscienciologia, porém de alguma forma, subjazia a certeza íntima de que um dia poderia ser compartilhada ou mesmo compreendida.

Registro. Uma dessas experiências relevantes e inesquecíveis se deu no ano de 1996, foi fundamental, anos mais tarde, em uma das aulas do curso CIP – curso integrado de Projeciologia no IIPC – SP e será brevemente descrita no relato que segue:

A autora desde a infância tinha experiências projetivas, mas por considerar que era algo experimentado por todas as pessoas, não relatava a ninguém.

Por volta dos quinze anos de idade, teve a primeira projeção consciente lúcida promovida pela própria vontade pois, tinha uma amiga cuja irmã saía todas as noites do corpo e ao revelar o fato, despertou na autora a curiosidade sadia de igualmente se projetar, afinal tinha certeza de que as projeções conscientes eram fato.

Dessa forma, buscou em bibliotecas livros que pudessem auxiliá-la a atingir o intento e passava horas deitada em decúbito dorsal até obter sucesso com a miniprojeção de uma das parapernas, por exemplo.

Cerca de cinco anos depois, no ano de 1996, após já ter vivenciado as projeções, visto o próprio corpo físico e admitido a experiência fora do corpo como realidade incontestável sentiu o que posteriormente veio a saber que tratava-se de aura projetiva.

Era a tarde de um sábado e após o almoço se recolheu em um dos cômodos da casa, um quarto que não era o seu por entender intuitivamente que as energias estavam mais favoráveis naquele ambiente e deitou-se como de costume, em decúbito dorsal e cobriu a cabeça para não ser importunada caso alguém adentrasse o recinto.

Poucos minutos depois, começou a sentir a descoincidência dos seus veículos, sentiu as fibras do tecido que cobriam o soma sendo pouco a pouco atravessado pelo psicossoma, sentiu seu psicossoma subir, elevar-se próximo ao teto e por-se em pé. Flutuando. Observava a tudo de modo tranquilo, dali, de onde estava conseguia enxergar a mãe que lavava a louça na cozinha, ouvia a música que tocava no rádio ligado. Continuou se afastando cada vez mais do soma, para fora da casa e pôde, experimentar uma visão de 360°, expandindo suas parapercepções para todo o quarteirão. Podia descrever as casas ao redor, jovens jogando bola na quadra atrás da casa.

Durante um período curto de tempo, não precisado com clareza, contemplou a tudo isso e sentiu muita paz e liberdade. Essa sensação foi se tornando cada vez mais profunda e, ao sentir afastar-se ainda mais do soma, de repente sumiu.

Já não havia mais as formas como se conhece, tudo era silêncio e imensidão. Não era possível se ver, mas era possível compreender em essência onde estava e o que era, da mesma forma que conseguia perceber que não estava sozinha, havia outras consciências naquele mesmo estado, o reconhecimento era pela energia de pacificação. As ideias fluíam em bloco. Naquele instante, a autora teve certeza do que era ser consciência e sentiu-se una com o Cosmos.

O entendimento sobre si veio de modo inteiro, seria de fato muito difícil descrever em palavras o que sentiu, sobretudo porque não havia som, frases, palavras, emoção.

Como descrever o nada? A tentativa era buscar compreender que ela não estava ali ao modo que habitualmente se manifestava, mas na condição de essência.

Pouco a pouco, deixou aquele estado e passou a perceber o psicossoma novamente carregado de energia e com uma luz muito forte dourada.

Então, veio devagar até o próprio soma e reincidentiu lentamente, passou a sentir novamente as fibras do tecido que cobria o corpo e à medida que adentrava o soma, totalmente acordada e lúcida, pensava: Mas o que foi isso? Não é possível devo ter ficado com os olhos abertos para enxergar o que enxerguei.

Ao encaixar por completo no soma, abriu os olhos e constatou que o rosto permanecia coberto. Tudo que vivenciara estava ali na mente.

A experiência havia sido tão esclarecedora que uma semana após o evento permaneceu em primener.

Relevância. O contexto em que essa experiência foi relatada serviu para esclarecimento de três pontos:

1. Aproximação. A desmistificação de que uma projeção de mentalsoma é tão rara, que não se conhece pessoas mais próximas que a tenham experimentado.

2. Complexidade. A complexidade da experiência cuja hipótese levantada pela autora foi de tê-la obtido em virtude de seu empenho em se projetar, mas principalmente pelo auxílio de amparadores técnicos não tangíveis.

3. Disciplina. A vivência estimulada pela disciplina diária.

Observação. Neste íterim, para a autora, a exposição pontual de seu exemplo pessoal serviu para estimular quem assim desejasse, experimentar não somente essa experiência como qualquer outra.

II. Autorreducação consciencial e práxis parapedagógica

Mudança. A reeducação consciencial é o ato intencional de aprendizagem evolutiva catalisando a mudança de patamar evolutivo. Assim, autorreducação vem a ser o movimento que a própria consciência realiza ao apropriar-se do conhecimento apreendido e torná-lo orgânico, parte de sua constituição consciencial. É um processo ativo e perene, pois resulta em frutos hauridos pela própria consciência que não mais assimila qualquer informação sem criticidade, colocando informações à prova através do princípio da descrença.

Reeducação. Sob esta perspectiva a autorreducação é consequência tanto do resultado quanto do uso da reeducação consciencial, cerne da docência conscienciológica porque a educação lida com informação, conscientização, esclarecimento de fatos e desenvolvimento de competências e habilidades.

Start. O questionamento desencadeador para a elaboração da presente pesquisa teve seu start com a questão: *de que modo a reeducação consciencial está atrelada à práxis parapedagógica?*

Aspectos. Buscando responder esta indagação, a autora identificou a partir de sua experiência na docência conscienciológica que a (auto) reeducação consciencial se configura em aspectos que correm em paralelo à formação do (a) professor (a) de Conscienciológica.

Oportunidade. Em sua autoexperimentação, observou que a autorreducação não pode ser resultado de uma ação isolada e unilateral advinda da ação docente, pois, a partir da prática

crítico-reflexiva, é desejável que os ajustes necessários ocorram a cada interação entre os sempre-aprendentes. A docência conscienciológica oportuniza automelhoria através da autocoerência consciencial.

Elementos. Neste sentido, observa que a autorreeducação consciencial fortalece a práxis parapedagógica, a título de hipótese, com base em dois elementos, a saber:

1. Foco. Quando foco, se estabelece através da reflexão sobre a própria docência, em sua ação intencional parapedagógica, a conscin interessada avalia, por exemplo, o público-alvo a ser assistido; possíveis relações pessoais ligadas a este público; elenca as estratégias consideradas as mais adequadas para promover a assistência; identifica dentre seus trafores aquele que será o carro-chefe para condução do trabalho; mantém-se lúcido (a) para o aprendizado proporcionado na interação.

2. Trilha. Quando a autorreeducação se evidencia no desenvolvimento do trajeto, ao longo do processo, possibilitando à conscin a colheita dos esforços dedicados. Considera-se aqui o balanço periódico ou no fim de cada aula; o *puzzle* parapedagógico; o desenvolvimento de trafaís; o aprendizado na observação da atuação de outros colegas docentes; a identificação de trafaes e o empenho quanto a sua franca superação.

Contínuo. Dessa forma, a (auto) reeducação consciencial compreende um processo contínuo, vivenciado pela conscin através do emprego da vontade, disciplina e disposição para *recins*.

IE. Desse modo, o investimento na autorreeducação consciencial pode levar à aplicação *teática* da inteligência evolutiva (IE) no que tange ao melhor aproveitamento das oportunidades intrafísicas, utilizando para isso, aquilo que identifica ter de melhor.

Consciencialidade. A Educação Conscienciológica, por assim dizer, desperta em intermissivas sua consciencialidade, ou seja, relembra sua natureza, sua real procedência estimulando a assunção de trafaes, a superação de trafaes e o desenvolvimento de trafaís.

Autoenfrentamento. A consciência interessada aprende a aproximar-se de quem é utilizando autopesquisa como ferramenta evolutiva já que a docência conscienciológica oferece a oportunidade do autoenfrentamento constante.

Academicismo. Na docência convencional embasada em um paradigma fiscalista, por muitos anos, alguém pode dar aula sobre um determinado conteúdo sem com isso alterar uma vírgula de quem é, pode ter inclusive sua postura chancelada pelo próprio academicismo que elege monstros sagrados (MEDRADO, 2011).

Paradigma. Isso não significa ausência dos efeitos multidimensionais sobre esta escolha. Não significa que amparadores e demais consciexes se recolheram para marcarem presença somente nas aulas dos cursos de Conscienciologia, ao contrário, trata-se de uma visão meramente material do alcance da docência corroborada pelo próprio paradigma sustentador dessa prática.

Renovação. Em algum momento, a repetição incessante de conteúdos sem renovação se esgota e faz com que se busque novos conhecimentos, dessa forma chega a renovação de fora para dentro, tornando-se um incômodo de dentro para fora.

Assistência. A docência conscienciológica exprime o incômodo positivo de dentro para fora porque não basta reproduzir fielmente ou mesmo teoricamente as técnicas e as teorias conscienciológicas, é preciso colocar o próprio *labcon* em prática para conseguir promover o objetivo de toda e qualquer atividade conscienciológica, a assistência. Uma boa aula de Conscienciologia é medida não pelo *show* de efeitos parapsíquicos mas pela interassistência produzida.

Desajuste. Há casos em que docentes iniciantes ficam tão preocupados com seu desempenho que esquecem a assistência. Por vezes, são pessoas dedicadas e organizadas, mas com o foco deslocado.

Ingredientes. Há elementos que fundamentam a práxis parapedagógica, mas ao mesmo tempo funcionam como ingredientes profiláticos para docentes iniciantes perderem o medo de dar aula, como por exemplo, estes 5 descritos em ordem de alfabética:

1. Autocrítica. Adotar a autocrítica para avaliar com lucidez a própria manifestação consciencial. Quem analisa, critica.

2. Autenticidade. A fidelidade e a dignidade consciencial quanto à própria manifestação pessoal. As aulas de Conscienciologia promovem o *strip-tease* consciencial.

3. Autocoerência. A conformidade cosmoética quanto ao próprio momento evolutivo. Docentes de Conscienciologia não são pessoas perfeitas dentro da sala de aula e cheias de tráfes em outros ambientes. Entretanto, importa mais olhar para os próprios tráfes que apontar os de outros.

4. Teaticidade. A lei do maior esforço quanto à vivência *teática* do Paradigma Consciencial. Há consciexes fora das aulas de Conscienciologia, assim como os fenômenos parapsíquicos que igualmente existem em qualquer ambiente.

5. Reflexão. O hábito de refletir acerca dos próprios objetivos e sobretudo sobre a atuação docente. Refletir é iluminar os pensenes.

Práticas. A fim de estimular o diálogo entre a autorreeducação consciencial e a práxis parapedagógica, do ponto de vista pragmático, pode-se sugerir para os processos autoinvestigativos, ao menos 3 técnicas aplicáveis e exequíveis:

1. Técnica do Objetivo. O porquê diante do que a conscin se propõe a fazer. É perguntar-se a todo o tempo para com isso ter clareza sobre quais objetivos reais movem as intenções da pessoa interessada.

2. Técnica Evolutiva. A aplicação de uma técnica evolutiva atribui maior direcionamento sobre o que é feito e porquê é feito. Você aplica alguma técnica evolutiva: invéxis, recéxis, dupla evolutiva, por exemplo? A aplicação é lúcida e não por exclusão de situações ou pré-requisitos.

3. CPC. A atualização do Código Pessoal de Cosmoética ou CPC, a partir de proposições factíveis e com estratégias pragmáticas. CPC é item de bolso ou bolsa.

Reflexão. As técnicas podem otimizar, facilitar e favorecer a autorreeducação consciencial, mas esta se estabelece a partir das mudanças intraconscienciais empreendidas pela própria consciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivo. Buscou-se no desenvolvimento desta pesquisa a ampliação da discussão e reflexão sobre a relevância da autoreeducação consciencial na práxis parapedagógica.

Complexidade. A docência conscienciológica apresenta variáveis diferenciadas e mais amplas que demonstram a complexidade da atividade.

Gradação. O intento foi esclarecer e considerar a premência da *teática*, mas valorizando a vivência de cada docente, observando que há gradações nestas experiências e, por isso não desmerecem a assistência que pode ser promovida.

Despojamento. Vale, então, o despojamento, a disciplina e o *arregaçar das mangas* para mudanças qualitativas de patamar.

DOCENTES E PESQUISADORES DA CONSCIENCIOLOGIA, SÃO CATALISADORES, AMPLIFICADORES E QUALIFICADORES DA INTERASSISTÊNCIA QUANDO TEÁTICOS NA AUTOPESQUISA E AUTOCOERÊNCIA COSMOÉTICA. A PRÁXIS PARAPEDAGÓGICA É REFLEXÃO, PRIMEIRO E, AUTOREEDUCAÇÃO, DEPOIS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **Alves**, Hegrissom; *Paraepistemologia da Práxis Parapedagógica*; Parapedagogia; Revista; Vol. 1, N. 1; Associação Internacional da Parapedagogia e Reeducação Conscencial (Reaprendentia); Foz do Iguaçu, PR; Outubro, 2011; páginas 3 a 23.
2. **Fresiansd**, Izilda; *Considerações sobre a prática da docência*; Conscientia; Revista; Vol. 3, N. 19; Associação Internacional dos Altos Estudos da Cosncienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; jul-setembro, 2015; páginas 324 a 330.
3. **Medrado**, Glaucia; *Desenvolvendo a auto-organização: uma reflexão sobre elementos contributivos à formação continuada de Docentes Conscienciológicos*; Parapedagogia; Revista; Vol. 1, N. 1; Associação Internacional da Parapedagogia e Reeducação Conscencial (Reaprendentia); Foz do Iguaçu, PR; Outubro, 2011; páginas 43 a 50.
4. **Vieira**, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1.058 p.; 40 seções; 100 subseções; 700 caps.; 147 abrevs.; 1 cronologia; 100 datas; 1 E-mail; 600 enus.; 272 estrangeirismos; 2 tabs.; 300 testes; glos. 280 termos; 5.116 refs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; Instituto Internacional de Projeciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1994; páginas 66, 109, 110, 314, 372, 411, 435, 562, 561, 584 e 652.
5. _____; *Enciclopedia da Conscienciologia Eletrônica*; revisores: Equipe de Revisores do Holociclo – CEAEC; 2498 verbetes; 200 exemplares em DVD; 8ª Edição; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) & Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, 2013.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

1. **Libâneo**, José Carlos; *Pedagogia e Pedagogos, para quê?*; Cadernos de Pesquisa; Vol. 37, N. 131; maio-agosto, 2007.

Glaucia Medrado é graduada em Pedagogia, Mestre em Educação (Psicologia da Educação), Professora Universitária e dos Anos Iniciais. Iniciou o voluntariado em 2005 e tornou-se docente em 2006 pelo IIPC – São Paulo. Atualmente, é voluntária e parapedagoga na Reaprendentia, 2016.